

# A OCORRÊNCIA DA SÍNDROME DO REGRESSO EM IMIGRANTES BRASILEIROS DO SUL DO BRASIL QUE RETORNAM PARA O SEU PAÍS DE ORIGEM<sup>1</sup>

Marissania Figueiredo<sup>2</sup>

Valdenir Martins de Oliveira<sup>3</sup>

## RESUMO

Esta pesquisa trás informações a respeito das possíveis mudanças no comportamento e na estrutura psíquica do imigrante retornado ao seu país de origem, após o contato com outras etnias e nacionalidades. O objetivo principal desta pesquisa foi identificar a ocorrência da Síndrome do Regresso em imigrantes brasileiros do Sul do Brasil que retornam para seu país de origem. Trata-se de pesquisa qualitativa de caráter exploratório. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada. Os participantes da pesquisa foram 10 pessoas entre elas homens e mulheres imigrantes que moraram mais de seis meses em outro país e retornaram para o Brasil entre os anos de 2008 à 2015. Os sujeitos entrevistados tinham entre 35 à 50 anos de idade. As entrevistas foram transcritas e submetidas à análise de conteúdo. Os resultados apresentaram uma relação dos aspectos vivenciados pelos imigrantes e as características da Síndrome do Regresso, enfrentados por imigrantes brasileiros que sofreram problemas psicológicos após retornarem para seu país de origem.

**Palavras-Chave:** Imigração. Síndrome do Regresso. Aculturação. Crise de identidade.

## 1 INTRODUÇÃO

Diante da globalização, é notória a facilidade com a qual os povos de diversas etnias e nacionalidades entram em contato com diferentes culturas. No Brasil, a quantidade de pessoas que buscam um período de experiência no exterior cresceu entre os anos de 2004 e 2014, (FERNANDES e RIBEIRO 2014). Nesse contexto a experiência do contato com uma nova cultura têm provocado consequências no comportamento e na estrutura psíquica do indivíduo (DEBIAGGI e PAIVA, 2004; CARIGNATO, 2004; COUTINHO, 2012).

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – 10º semestre de 2017A.

<sup>3</sup> Professor Mestre Valdenir Martins de Oliveira orientador do Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Segundo DeBiaggi (2004), as possíveis modificações no comportamento e na estrutura psíquica do imigrante retornado ao seu país de origem, após o contato com outra cultura, são melhores compreendidas no âmbito da Psicologia Intercultural. Diante disso, os pesquisadores têm empenhado seus esforços no estudo do comportamento interpessoal do indivíduo que retorna para o seu contexto cultural. Desta forma, “[...] a Psicologia Intercultural vem investigando as categorias da psicologia tanto geral como social, tais como identidade, percepção, cognição, personalidade, comportamento social, gênero, relação interpessoal, preconceito, entre outros.” (DEBIAGGI, 2004, p. 11).

As informações do Ministério das Relações Exteriores/Itamaraty (BRASIL, 2016) e as pesquisas realizadas junto aos postos da rede consular brasileira e associações comunitárias no exterior apontam forte tendência no movimento de retorno definitivo de brasileiros residentes no exterior, especialmente os que emigraram na última década e aqueles que se encontravam nos países mais atingidos pela atual crise econômica. As informações apontam ainda, uma redução de cerca de 20% no número de brasileiros residentes no exterior no período de 2008 a 2013, passando a diáspora brasileira de 3 milhões para aproximadamente 2,5 milhões. Segundo dados da ONU, havia 213 milhões de migrantes internacionais no ano de 2013, sendo que, destes, 59% viviam em países desenvolvidos (UNITED NATIONS, 2013).

Ainda segundo o Departamento de Relações Exteriores/ Itamaraty (BRASIL, 2016) o retorno ao Brasil tem se mostrado um grande desafio aos ex-imigrantes, pois, muitos dos que retornam a sua terra natal, buscam a sua reinserção econômica, porém, em pouco tempo, se deparam com o alto nível de dificuldade para trabalharem no sistema brasileiro. Diante dessa realidade, o ex-imigrante se vê sem perspectiva de sucesso, percebendo a necessidade de interromper os seus projetos de vida, causando o início da frustração, assim como o sentimento de perda, o qual pode transformar-se em depressão, ofuscando os objetivos anteriormente planejados.

De acordo com o Departamento acima mencionado (BRASIL, 2016) alguns imigrantes vão com planos de ficarem um curto período de tempo, de 6 meses a 1 ano, que geralmente está relacionado a períodos de estudos, outros imigrantes vão para ficar mais tempo, na expectativa de morar por um longo período, com o objetivo de alcançar novos objetivos de vida. Na chegada no novo país, muitos sofrem com o que é chamado em Inglês de HomeSickness, que significa: “Saudade de Casa”.

Os pesquisadores da perspectiva intercultural, Debiaggi (2004), Carignato (2004), et. al Coutinho, Rodrigues e Ramos (2012) diante dos estudos já realizados, relatam que

existe a dificuldade para o imigrante retornado compreender que o tempo passou e que tudo ao seu redor mudou, as pessoas, a cidade e principalmente eles mesmos. Diante disso, os autores citados, afirmam que esta situação, viabiliza o sentimento de não pertencimento nas relações, ficando o sujeito sentindo-se diferente no meio das pessoas, não se encontrando mais nos seus antigos grupo de amigos e família. Diante desses fatos, os autores anteriormente citados relatam a possibilidade do desencadeamento de transtornos psicológicos, podendo afetar a percepção, cognição, emoção, afeto, adaptação, perda da identidade, sentimento de culpa, sentimento de perda, processo de luto entre outros.

O neuropsiquiatra Nakagawa (2002 e 2013), após estudos e pesquisas sobre o assunto, denominou a existência de um quadro com o conjunto de comportamentos e sintomas acima mencionados, como Síndrome do Regresso. O início das possíveis mudanças na estrutura psicológica dos imigrantes pode ocorrer já na preparação, na euforia da viagem e na expectativa de vivenciar uma nova cultura, mas poucos têm consciência de que se depararão com outro contexto, ou seja, com outra realidade onde existe outro sistema de vida que diferencia do seu.

Segundo Erik Erikson (1968 e 1964) e Phinney (2004), o imigrante retornado passa por uma crise de identidade, ou seja, passa por um processo de mudança nas identidades culturais internas.

[...] a identidade é um processo, não é algo dado; deve ser negociada em face de mudanças pessoais e sociais. A aquisição de uma identidade, ou uma resolução segura da identidade, requer a integração de vários aspectos do self, mas é em parte dependente do contexto no qual os migrantes vivem. Uma vez que se alcança uma identidade segura, ela pode fornecer uma fonte de continuidade e de estabilidade para se lidar com a mudança. (PHINNEY, 2004, p. 59).

Desta forma, os autores acima mencionados afirmam que diante do contato com outra cultura o imigrante pode passar pelo processo de mudança de identidade, no qual pode ficar incapacitado para encontrar um caminho positivo e desorientar-se, apresentando condutas destrutivas.

Portanto, os autores Dantas (2010), DeBiaggi (2004) e Carignato (2004) afirmam que depois de viver sua experiência em outro contexto cultural, o imigrante se depara com a hora de voltar, precisando abandonar a vida de imigrante, a qual tanto havia sonhado, e retornar para sua terra de origem. Os autores afirmam que o ponto crucial é o momento do retorno, pois o ex-imigrante, de certa forma, não se prepara para retornar, porque o ato de voltar simboliza retornar para o lugar que já era dele, ou seja, sua família, amigos e sua cultura. Porém, não tem a percepção de que tudo mudou, tanto ele como o seu lugar de onde partiu.

Segundo Carignato (2004), a problemática na emigração/imigração e assuntos relacionados aos efeitos psíquicos da mudança de país e de cultura, vem atraindo a atenção de psicólogos e pesquisadores. Para compreender o que ocorre com o imigrante que retorna ao seu país de origem depois de viver um período de sua vida em contato com outra cultura, a Psicologia Intercultural, assim como os pesquisadores da antropologia, sociologia e psicologia (BERRY, 1997; DEBIAGGI, 2004; FERNANDES e RIBEIRO 2014 e SILVA e FERANDES, 2014) vem se empenhando em suas pesquisas para amplificar o entendimento sobre os processos de transformação que vem acontecendo no indivíduo, e em especial o qual está nomeado neste trabalho como Síndrome do Regresso.

Muito embora esta problemática tenda a ser de difícil identificação para muitos profissionais da psicologia, seu reconhecimento se faz essencial uma vez que pode incidir em situações de risco, comprometendo a saúde física e psicológica dos ex-imigrantes. Normalmente os indivíduos com o quadro de sintomas que caracterizam a Síndrome do Regresso, tendem a se isolar e não procurar ajuda profissional, desta forma agravando sua condição, pois afeta sua autoestima, seu convívio social e sua condição emocional pode ficar completamente comprometida.

Neste sentido, outro propósito da pesquisa aqui apresentada é de trazer ao conhecimento dos profissionais de psicologia a possível ocorrência do fenômeno da Síndrome do Regresso em imigrantes que retornam para o seu país de origem, pois de acordo com as informações dos Especialistas em fluxos migratórios e do Ministério das Relações Exteriores (BRASIL, 2016), este fato vem se mostrando cada vez mais frequente.

Por fim, levando em conta a constatação de Fernandes (2014), de que não existem políticas públicas específicas para atender aos brasileiros retornados. Este estudo tem importância fundamental à medida que seu resultado dará subsídios para pensar projetos sociais que possam acolher e orientar aqueles que retornam para sua terra de origem.

## **2 AS MUDANÇAS SÓCIO-CULTURAIS NO COMPORTAMENTO DOS IMIGRANTES BRASILEIROS QUE RETORNAM PARA O SEU PAÍS DE ORIGEM**

Os estudos realizados pela psicóloga DeBiaggi (2004), relacionados à psicologia e/imigração e cultura, trazem um acervo de informações a respeito das mudanças sócio-culturais enfrentado por imigrantes que tiveram o contato com outra cultura. Para compreender, no viés da psicologia, o processo de mudanças do indivíduo que retorna para

sua terra de origem após o contato com outra cultura é necessário partir da compreensão de que,

[...] a psique disponha de estruturas autônomas, o vazio das próprias estruturas demanda conteúdos concretos fornecidos de outra parte. Essa outra parte é o mundo material, são as relações interpessoais e sociais e, num âmbito maior, em grande parte determinante dos anteriores, as condições culturais. (DEBIAGGI, 2004, p. 13).

Diante dessa teoria, entende-se que a estrutura psíquica do indivíduo é afetada quando recebe informações que estão fora do seu contexto natural, ou seja, as condições culturais das quais diferem da sua cultura original, sejam elas de caráter interpessoais ou sociais. Desta forma, entende-se que a psicologia intercultural propõe uma reflexão mais compreensível dos fenômenos psicossociais, assim como o desenvolvimento humano e suas mudanças decorrentes da relação dialética entre o sujeito pesquisado e o seu contexto cultural.

## 2.1 O MOVIMENTO DO IMIGRANTE NO PROCESSO DE ACULTURAÇÃO

Segundo Berry (1997) o comportamento do indivíduo é formado pelo contexto cultural dentro do qual o indivíduo foi criado e agora vive. Para algumas pessoas no mundo, a vida transcorre nas sociedades em que cresceram. Contudo, para aquelas que migram de uma sociedade para outra, estes são contextos separados, sendo que estas pessoas precisam viver em uma sociedade na qual não foram criadas. Esta diferença gera uma situação de aculturação, que requer várias formas de adaptação para que seja bem-sucedida.

Ainda para Berry (1997) a aculturação é uma relação entre pessoas ou grupo, onde esta relação provoca um processo de mudança cultural, decorrente do contato contínuo entre grupos de distintas culturas. Embora ambos os grupos possam mudar culturalmente nesse processo, na realidade há preponderância de um grupo sobre outro. Portanto, a aculturação psicológica é compreendida pelos autores (BERRY, 2001, 2002; DEBIAGGI 2002), como uma experiência de adaptação que envolve a transformação dos valores, das crenças e dos costumes do imigrante.

### 2.3.1 As estratégias de aculturação

Para uma compreensão mais amplificada de como o indivíduo/imigrante possa se movimentar no processo de aculturação, Berry (1997) explica que as diversas formas de adaptação são observadas de acordo como o indivíduo se relaciona com sua cultura de origem e com a cultura a qual predomina. O modelo deste autor, no contexto da perspectiva

multidimensional, apresenta quatro estratégias de aculturação pelas quais o imigrante pode passar. São elas: marginalização, separação, integração e assimilação.

De acordo com os estudos de Berry (1997), quando o contato que o imigrante faz com outra cultura se torna uma relação negativa com a cultura dominante, esse movimento resulta em dois tipos de estratégia, conceituados pelo autor como: Marginalização – Significa que o imigrante se apresenta indiferente em manter a sua cultura de origem e se apropriar da cultura do país anfitrião. Essa aculturação configura um tipo de marginalidade, pois o imigrante resiste às mudanças culturais. Separação – Significa que o imigrante conserva aspectos da sua cultura de origem, mas apresenta uma relação negativa com a sociedade para onde imigrou, conservando a sua identidade cultural de origem e evitando a interação com os nativos.

Berry (1997) classifica ainda, dois tipos de estratégias que estabelecem uma relação de aceitação da cultura anfitriã pelo imigrante. Tais estratégias variam conforme o valor dado à retenção da identidade cultural originária. Considera como relação positiva com a cultura dominante estas duas: Interação – Significa o momento em que o imigrante se interessa em manter a sua própria cultura, mas ao mesmo tempo interage com a cultura do país onde se encontra. Desta forma a identidade cultural de origem do imigrante é mantida. Assimilação – significa a negação da sua cultura de origem, ou seja, uma renúncia à identidade cultural materna, e uma aceitação da cultura do país acolhedor.

## 2.2 MUDANÇA DE IDENTIDADE

Conforme os estudos de Erik Erikson (1964), a imigração e a emigração se encontram claramente entre as situações conflituosas de mudança pessoal e grupal no mundo, devido a facilidade em que as pessoas entram em contato com outras culturas. “Migrações produzem novas imagens mundiais traumáticas, e parecem repentinamente demandar que se assumam novas identidades.” (ERIKSON, 1964, p. 86). Desta forma, este mesmo autor, compreende que a migração pode produzir diversos tipos de mudanças na identidade, incluindo mudanças na identidade ocupacional e política, e no senso do *self* do indivíduo em termos de gênero.

Portanto, para Erikson (1964) e Phinney (2004), os imigrantes ao chegarem ao novo país, inicialmente se vêem como estrangeiros, mas com o tempo cada vez mais se vem e são vistos pelos outros como um grupo étnico. Esse sentimento de pertencer ao um grupo

étnico é dinâmico e evolutivo; muda tanto no nível individual como no nível grupal em resposta ao contexto pessoal e social.

Desta forma, Phinney (2004), explica que as questões identitárias adquirem uma importância distinta sob condições de mudanças e contraste, tais como as que ocorrem com a migração.

[...] A identidade é um processo, não é algo dado; deve ser negociada em face de mudanças pessoais e sociais. A aquisição de uma identidade, ou uma resolução segura da identidade, requer a integração de vários aspectos do self, mas é em parte dependente do contexto no qual os migrantes vivem. Uma vez que se alcança uma identidade segura, ela pode fornecer uma fonte de continuidade e de estabilidade para se lidar com a mudança. (PHINNEY, 2004, p. 59).

Assim a realidade do contexto cultural o qual o imigrante está inserido impõe restrições às mudanças moldando as respostas dos imigrantes às questões de identidade. Erikson (1964) afirma que a verdadeira identidade “[...] depende do apoio que o indivíduo imigrante recebe do senso coletivo de identidade que caracteriza os grupos sociais que lhe são significativos: sua classe, sua nação, sua cultura.” (ERIKSON, 1964, p. 93).

Diante dos fatos já mencionados, se torna necessário por parte dos profissionais, maior conhecimento do processo das mudanças que ocorrem na estrutura psíquica do indivíduo que entra em contato com outra cultural, para assim, poder subsidiar um acolhimento adequado.

### **3 OS DEKASSEGUI E O SURGIMENTO DA SÍNDROME DO REGRESSO**

Diante do movimento de imigrantes retornando para o Brasil, o doutor Décio Nakagawa (2002) passa a pesquisar as mudanças psicológicas observadas no retorno dos Dekassegui do Japão ao Brasil.

Historicamente o termo dekassegui teve origem na cultura japonesa, para compreender o movimento migratório interno e externo do país, porém,

[...] atualmente, o termo dekassegui, que já está sendo bastante utilizado por parte de segmento da sociedade brasileira, pode ser empregado para denominar todas as pessoas que deixam o Brasil para executar temporariamente algum trabalho remunerado no exterior. Portanto, *lato sensu*, o termo dekassegui abrangeria também os brazucas (brasileiros que emigram para os Estados Unidos da América), os brasiguaios (brasileiros que se instalam no Paraguai), etc. (SAKAKI, 2002, p. 243).

Diante desse fenômeno migratório, abre-se o leque para a observação e investigação dos possíveis transtornos psicológicos e sociais nas pessoas das quais implicaram suas vidas no movimento de ir e vir, de uma cultura para outra.

Porém, segundo Nakagawa (2002), os decasséguis brasileiros, ao retornarem ao Brasil, se deparam com outra realidade, pois o tempo em que passaram com a cultura japonesa foi o necessário para que assimilassem alguns valores daquela cultura, permitindo o estranhamento dos valores e comportamentos da sua cultura de origem, levando-os ao surgimento de possíveis transtornos psíquicos.

O surgimento de possíveis transtornos psíquicos nos imigrantes que retornam para a sua cultura de origem, foi denominado de Síndrome do Regresso pelo neuropsiquiatra Décio Nakagawa (2002 e 2013) enquanto estudava a frustração de brasileiros, descendentes de japoneses da segunda geração, que retornavam para o Brasil com o propósito de realizarem os seus sonhos, dentre eles, a casa própria e seu próprio negócio.

Segundo o mesmo autor, muitos dos imigrantes que permaneceram muito tempo em contato com outra cultura, acabam enfrentando grandes desafios de readaptação no momento em que retornam para sua terra natal:

[...] brasileiros, em virtude de longa permanência fora do país (5 a 8 anos ou mais), têm enfrentado grandes obstáculos para se fixarem no Brasil, tais como: perda do convívio familiar (provocado pela desintegração da família), o desemprego, o choque cultural, os conflitos de identidade, o estado precário de saúde (física e mental), etc. O conjunto desses sintomas é denominado como a síndrome do regresso. (NAKAGAWA, 2002, p. 225).

Nakagawa (2002 e 2013), relata a Síndrome do Regresso como sendo um quadro bastante recorrente não só aos ex-dekasseguis japoneses, mas que atinge a muitos imigrantes que de fato regressam ao seu país de origem. Para se diagnosticar um ex-imigrante com essa síndrome é preciso apresentar pelo menos três entre os cinco dos seguintes fenômenos:

Quadro1 - demonstrativo dos possíveis fenômenos decorrentes da síndrome do regresso

<b>Fenômenos</b>	<b>Sintomas</b>
<b>Dispersão do Pensamento</b>	O retornado sente-se confuso; atrapalhado e parece que o pensamento fica desordenado.
<b>Distanciamento Afetivo</b>	Sente as pessoas distantes. Para os outros mostra indiferença. Sente uma espécie de névoa que o separa das pessoas. A família geralmente se queixa que parece apático e anestesiado.
<b>Sensibilidade a Diferenças</b>	Está continuamente comparando aqui e lá e tende a reclamar de tudo.
<b>Tendência Autodestrutiva</b>	Tendência a se diminuir e agredir suas próprias coisas. No limite surge a tendência suicida. Há inúmeros relatos de retornados que realizam péssimos negócios apesar da advertência de seus familiares.



<b>Reiniciar Viagem</b>	Por qualquer motivo o retornado decide voltar para o Japão (ou a outro país onde estava) (destaque do autor). Tendência que explica as ida e vindas
-------------------------	---

Fonte: Nakagawa 2013, p. 109-110

Diante dos possíveis fenômenos decorrentes da síndrome do regresso Nakagawa (2013, p. 109, 110) afirma que:

[...] a Síndrome do Regresso atinge em maior ou menor grau, a todos os retornados. O retornado está vivendo uma experiência singular e exige uma atenção especial. Não se trata de uma doença, embora as consequências possam comprometer gravemente a vida do trabalhador. A síndrome do Regresso tende a desaparecer espontaneamente em torno de seis meses. A intensidade e a duração do fenômeno podem exigir uma psicoterapia.

Quando se fala desses fenômenos acima citados, compreende-se que a dispersão ou confusão decorrente deste choque temporal gera uma série de situações, ou seja, esse ex-imigrante não consegue se concentrar, ou desenvolver uma linha de raciocínio, sendo assim, as ideias tornam-se vagas e imprecisas.

De acordo com o médico psiquiatra Nakagawa (2013), no distanciamento, ou indiferença afetiva, o sujeito parece não se importar com o que acontece ao seu redor assemelhando-se muitas vezes aos sintomas de autismo. Ainda segundo este autor, em muitos casos, a esposa propõe a separação conjugal, aceita pelo parceiro de modo indiferente. Vários trabalhadores nessa condição dizem que, por algum motivo que não conseguem identificar, se desviam automaticamente de todos os descendentes de japoneses que encontram pela frente.

Conforme Nakagawa (2013), a tendência autodestrutiva leva o sujeito a investir em iniciativas inviáveis, em situações de fracasso. Acima de tudo, alerta o psiquiatra, sobre o risco de suicídio.

No que se refere ao impasse dos transtornos psíquicos gerados pelo processo de readaptação dos ex-dekasseguis, assim como a todos os outros imigrantes dentro do movimento migratório, Nakagawa (2002 e 2013) afirma que de fato, vem se produzindo um contingente não contabilizado de portadores crônicos de transtornos mentais. Entre os ex-dekasseguis, somente uma pequena parcela, recebeu algum tipo de tratamento médico, sendo este, esporadicamente. Já, outros imigrantes dekasséguis retornados, devido à gravidade dos transtornos, tiveram que ser internados para tratamentos específicos. Poucos tiveram oportunidade de receberem acompanhamento psicoterápico visando autonomia e independência. Para aqueles que foram diagnosticados com transtorno mental crônico o prognóstico era considerado precário.

Dentre os portadores de distúrbios desta natureza, estudados por Nakagawa (2002), os casos mais recorrentes foram detectados entre os nisseis (descendentes da segunda geração), ou seja, aqueles que vivenciaram de modo mais dramático a ruptura radical com a situação anterior, o que justifica a grande expectativa nutrida em relação à terra dos antepassados. O pico de incidência destes casos ocorreu entre os anos de 1993 e 1996. Entre os trabalhadores acometidos por distúrbios mentais, o diagnóstico mais frequente, segundo os conceitos da psiquiatria médica, foi a “Psicose Situacional Persecutória”. Segundo a descrição de Nakagawa (2002, p. 224),

[...] eram pacientes confusos, agitados, sentindo que estavam sendo vigiados e perseguidos. Em vários serviços, esse quadro agudo era erroneamente diagnosticado... [como] surto esquizofrênico. Esta Psicose Situacional Aguda, quando tratada em seu início, remitia com o emprego de baixa dosagem de antipsicótico.

Diante disso, Nakagawa (2002) concluiu a sua observação e análise acerca da ocorrência dos transtornos psíquicos nos ex-dekasseguis, certificando-se de que os sinais da síndrome ficaram evidentes, diante da tendência efetiva em que, por qualquer motivo, o ex-imigrante começa a reiniciar uma nova viagem para o Japão. Para muitos, o grande problema é não conseguir parar com essa repetição, por não se sentir bem nem aqui e nem lá. Diante desses fatos, é necessário observar nos imigrantes retornados o movimento desse fenômeno.

Nakagawa (2002 e 2013), deixa claro que a Síndrome do Regresso representa a manifestação psicopatológica de um estranhamento, uma confluência crítica, formada pela internalização de um intensificado condicionamento produtivo, perpassada por uma antiga reivindicação das gerações anteriores, transmitida à geração do presente sem o benefício de qualquer inventário. Conforme Carignato (2004), no plano consciente tudo se justifica do ponto de vista econômico, prático e das necessidades materiais imediatas.

### **3 METODOLOGIA**

Esta pesquisa trás resultados das possíveis mudanças no comportamento e na estrutura psíquica do imigrante retornado ao seu país de origem, após o contato com outras etnias e nacionalidades, mediante a uma globalização a qual tem facilitado o contato com diferentes culturas.

Para melhor compreender as possíveis mudanças no indivíduo, esta pesquisa teve como base teórica a Psicologia Intercultural, onde os autores relatam a possibilidade do desencadeamento de transtornos psicológicos, podendo afetar a percepção, cognição, emoção, afeto, adaptação, perda da identidade, entre outros.

Para identificar as mudanças sócio-culturais no comportamento do imigrante retornado para o seu país de origem, foi utilizado às estratégias de aculturação do modelo de Berry (1997) assim como as obras de Erik Erikson (1968 e 1964) e Phinney (2004), os quais explicam que o imigrante retornado passa por um processo de mudança nas identidades culturais internas, chamada de crise de identidade.

No entanto, para verificar a existência de sintomas psicopatológicos no imigrante que retorna para o seu país de origem, esta pesquisa teve como base os critérios formulados pelo neuropsiquiatra Nakagawa (2002 e 2013), que após estudos e pesquisas sobre o assunto, deu a existência de um quadro com o conjunto de comportamentos e sintomas denominado como Síndrome do Regresso.

A problemática na emigração/imigração e assuntos relacionados aos efeitos psíquicos da mudança de país e de cultura, vem atraindo a atenção de psicólogos e pesquisadores. Neste sentido, o propósito da pesquisa aqui apresentada foi de trazer ao conhecimento dos profissionais de psicologia a possível ocorrência do fenômeno da Síndrome do Regresso em imigrantes que retornam para o seu país de origem, pois de acordo com as informações dos Especialistas em fluxos migratórios e do Ministério das Relações Exteriores (BRASIL, 2016), este fato vem se mostrando cada vez mais frequente.

Portanto, para os resultados apresentados nesta pesquisa, a mesma se caracterizou quanto a sua natureza como uma pesquisa exploratória com sua abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa conforme Vieira e Zouain (2005) atribuem importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos dos quais o indivíduo ou o grupo estão envolvidos.

O instrumento utilizado para a coleta de dados desta pesquisa foi uma entrevista semiestruturada. Os participantes da pesquisa foram 10 pessoas entre elas homens e mulheres imigrantes que moraram mais de seis meses em outro país e retornaram para o Brasil entre os anos de 2008 à 2015. Os sujeitos entrevistados tinham entre 35 à 50 anos de idade. A escolha dos sujeitos da pesquisa foi feita a partir da proximidade e do conhecimento da pesquisadora e com a possibilidade de indicação de outras pessoas.

Os dados levantados por meio da entrevista foram categorizados dentro de grandes grupos de acordo com o tema abordado, de acordo com os objetivos específicos e a luz do marco teórico apresentado nesta pesquisa. As entrevistas foram transcritas e submetidas à análise de conteúdo. Essa análise utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos

relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2011). As categorias de análise foram determinadas “a posteriori”, a partir do processo de recorte das unidades de significação e análise, construindo-se as categorias iniciais e intermediárias, possibilitando-se então, determinar as categorias finais que foram objetos de discussão em termos de resultados.

A análise dos resultados obtidos foi interpretada por meio da revisão de literatura desenvolvida no corpo deste trabalho. Após a análise e interpretação dos dados esta pesquisa apresentou o resultado da correlação dos aspectos vivenciados pelos imigrantes e as características da Síndrome do Regresso, enfrentados por imigrantes brasileiros que sofreram problemas psicológicos após retornarem para seu país de origem.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa (CEP) da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul, sob o protocolo CAAE: 65843416.3.0000.5369.

## 4 RESULTADOS

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Foi pesquisada uma amostragem de 10 imigrantes do Sul do Brasil que retornaram para o seu país de origem (Brasil) entre os anos de 2008 á 2015. Os sujeitos da pesquisa tinham entre 35 à 50 anos de idade e residiam nos estados de Santa Catarina e Paraná sendo estes estados localizados no Sul do Brasil.

A seguir apresenta-se a caracterização da amostra pesquisada:

Quadro 02 – Dados de identificação dos participantes da pesquisa

<b>Participantes</b>	<b>Idade</b>	<b>Profissão</b>	<b>Sexo</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Filhos</b>	<b>Nacionalidade dos filhos</b>
E1	37	Engenheira Civil/Empresária	F	Casada	0	Sem filhos
E2	37	Enfermeira	F	Casada	2	Americanos
E3	41	Pastor/ Coaching	M	Casado	2	Americanos
E4	50	Operador de Máquinas	M	Casado	1	Americana
E5	35	Professora	F	Casada	3	1 Americano 2 Brasileiros
E6	36	Vendedor	M	Casado	3	1 Americano 2 Brasileiros
E7	40	Design de	M	Casado	2	1 Americana

		interiores				1 Brasileira
E8	43	Professora	F	Solteira	0	Sem filhos
E9	41	Vendedora	F	Solteira	0	Sem filhos
E10	44	Administradora	F	Casada	1	1 Americana

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela pesquisadora em Junho de 2017.

De acordo com o quadro 2, a faixa etária dos profissionais oscila entre 35 e 50 anos, sendo 6 pessoas do sexo feminino e 4 pessoas do sexo masculino, de profissões diversas. Quanto ao estado civil dos participantes, 8 são casados e 2 são solteiros, dentre os solteiros nenhum deles tem filhos e moram sozinhos. Dos casados, 7 deles tem filhos, sendo que destes 3 têm filhos americanos e brasileiros e 4 tem filhos americanos somente.

O quadro 3, mostra os países dos quais os entrevistados moraram e o tempo em que cada um permaneceu no exterior.

Quadro3 – Relação do país e o tempo de permanência no exterior.

<b>Entrevistados</b>	<b>País em que morou</b>	<b>Tempo de permanência no Exterior</b>
E1	Estados Unidos	8 anos
E2	Estados Unidos	9 anos
E3	Estados Unidos	9 anos
E4	Estados Unidos	11 anos
E5	Estados Unidos	7 anos e 2 meses
E6	Estados Unidos	7 anos e 2 meses
E7	Portugal e Estados Unidos	13 anos
E8	Estados Unidos	6 anos
E9	França	7 anos
E10	Estados Unidos	11 anos

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela pesquisadora em Junho de 2017.

Conforme mostrado no quadro 3, dos 10 entrevistados, 9 moraram nos Estados Unidos. Dentre os 9, 1 morou nos Estados Unidos e em Portugal. Entre os 10 entrevistados, somente 1 não morou nos Estados Unidos e sim na França. No que diz respeito aos anos de permanência no exterior, o que menos tempo morou fora do Brasil foi 6 anos e o que permaneceu mais tempo foi 11 anos.

No quadro número 4, mostra a data em que o entrevistado retornou e o tempo de permanência no Brasil.

Quadro4 – Identificação da data de retorno e o tempo de permanência no Brasil.

<b>Entrevistado</b>	<b>Data do Retorno ao Brasil</b>	<b>Tempo de permanência no Brasil</b>
---------------------	----------------------------------	---------------------------------------

E1	Março de 2008	9 anos
E2	Julho de 2011	6 anos
E3	Julho de 2011	6 anos
E4	Dezembro de 2011	5 anos
E5	Setembro de 2011	5 anos e 9 meses
E6	Setembro de 2011	5 anos e 9 meses
E7	Dezembro de 2012	4 anos
E8	Junho de 2011	6 anos
E9	Agosto de 2014	2 anos e 10 meses
E10	Dezembro de 2011	5 anos

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela pesquisadora em Junho de 2017.

De acordo com os dados identificados no quadro 4, nota-se que dos 10 entrevistados 1 retornou ao Brasil em 2008, sendo que 8 retornaram entre 2011 e 2012 e apenas 1 em 2014. No que se refere ao tempo de permanência no Brasil o quadro indica entre 2 anos e 10 meses á 9 anos.

#### 4.2 PRIMEIRA FASE: CONTATO COM OUTRA CULTURA

De acordo com os estudos de Berry (1997) se torna possível uma compreensão mais amplificada de como o indivíduo/imigrante possa se movimentar no processo de aculturação. Para analisar o processo de aculturação do imigrante que passa a viver em um contexto cultural diferente é preciso compreender que as diversas formas de adaptação devem ser observadas conforme o indivíduo se relaciona com sua cultura de origem e com a cultura a qual predomina. Portanto, o modelo usado por Berry (1997), no contexto da perspectiva multidimensional, foram quatro estratégias de aculturação pelas quais o imigrante pode passar. São elas: marginalização, separação, integração e assimilação.

A seguir são apresentadas as dificuldades de adaptação no contexto cultural diferente, relatados pelos entrevistados desta pesquisa.

Quadro5: Dificuldade de adaptação. (Relação negativa)

<b>Categoria</b>	<b>Frequência</b>
Dificuldade com a língua	10
Trabalho	10
Comida	7

Muito frio	6
Roupa	5
Existência de muitos brasileiros na região	1
Choque cultural	1

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela pesquisadora em Junho de 2017.

Dos 10 entrevistados, todos relataram terem encontrado dificuldades para se adaptar devido a não falarem a língua do país, diante disso se depararam com problemas para encontrarem um emprego e de permanecer nele. A questão das diferenças nas comidas, do clima mais frio e da necessidade do uso de mais roupas foram uns dos problemas enfrentados pelos imigrantes, porém logo foram se acostumando. Um dos entrevistados relatou que a questão de ter muitos brasileiros em uma determinada região acaba dificultando a interação e a assimilação com a cultura anfitriã, fazendo com que o brasileiro recém-chegado, permaneça na comunidade brasileira a qual é para ele tudo familiar.

A partir destes dados pode-se afirmar que as características da estratégia de **marginalização** da cultura, trabalhada por Berry (1997) aparece em alguns casos onde os imigrantes se apresentaram indiferentes em manter a sua cultura de origem e se apropriarem da cultura do país anfitrião. Essa aculturação configura um tipo de marginalidade segundo a estratégia de Berry (1997), pois o imigrante resiste às mudanças culturais, como se pode notar na fala do entrevistado E3:

“Foi muito bom o tempo em que morei nos Estados Unidos. Eu aprendi muita coisa boa com a cultura deles, mas posso te dizer que eu não deixei de ser brasileiro. Eu ainda continuo brasileiro. Eu me sinto brasileiro eu não posso perder a minha raiz”(E3)(Sic).

Em outra situação, pode-se identificar uma característica de **separação**, que segundo as estratégias de Berry (1997) é onde o imigrante conserva aspectos da sua cultura de origem, e apresenta uma relação negativa com a sociedade para onde imigrou, conservando a sua identidade cultural de origem e evitando a interação com os nativos, como se vê na fala de E1:

“Eu tive muita dificuldade para me adaptar com a cultura e principalmente com a língua que eu nunca aprendi. Eu nunca gostei de lá!” (E1)(sic).

Com base nos relatos apresentados e Segundo Berry (2004), para compreender as estratégias das aculturações é necessário observar a identidade cultural do imigrante, a qual se refere ao conjunto complexo de crenças e atitudes que as pessoas têm sobre si mesmas em relação a ser membros de seu grupo cultural e geralmente essas questões vêm à tona quando

as pessoas entram em contato com outra cultura, mais do que quando estão morando inteiramente dentro de uma cultura.

A seguir foram relatados os pontos positivos de ter vivido em um contexto cultural diferente.

Quadro6: Aspectos positivos. (Relação Positiva).

<b>Categoria</b>	<b>Frequência</b>
Educação	10
Trânsito	10
Limpeza	10
Segurança	10
Respeito ao próximo	10
Nova maneira de ver o mundo	10

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela pesquisadora em Junho de 2017.

No que se refere aos aspectos positivos de morar em outra cultura, todos os 10 entrevistados mencionaram que a educação, o trânsito, a limpeza, a segurança, o respeito ao próximo e a nova maneira de ver o mundo foram pontos que mais influenciaram positivamente na aceitação da cultura anfitriã.

Diante do relato do entrevistado E9 percebe-se o movimento do imigrante para a assimilação da cultura do país anfitrião. Segundo os estudos de Berry (1997) a **assimilação** é compreendida como a negação da sua cultura de origem, ou seja, uma renúncia à identidade cultural materna, e uma aceitação da cultura do país acolhedor.

“No início eu achava estranho a questão do ”baguet francês” que é um pão d’água comprido. Eles compram o pão que é embrulhado em uma folha simples, e eles colocam debaixo do braço e saem comendo. Quando eu cheguei lá, eu achava isso um absurdo, um absurdo...meu Deus do céu, que povo relaxado!!!! Não acredito!! Depois de 3 anos que eu estava morando lá (França), eu fui comprar uma baguet para tomar café da manhã, saí da padaria, coloquei o pão debaixo do braço e saí comendo. No meio do caminho, bem perto de casa, foi que eu percebi que eu estava fazendo igual. Então eu levei um susto e disse: Meu Deus estou fazendo igual. Foi automático. Eu fiz sem perceber, não foi porque eu quis. Eu me dei conta no meio do caminho. [...] é daí que a gente começa a perceber que está pegando os costumes do país” (E9) (sic).

Porém, no relato de outro entrevistado observou-se uma característica de **interação** Berry (1997) com a cultura anfitriã, pois o imigrante se interessou em manter a sua própria cultura, mas ao mesmo tempo interagiu com a cultura do país onde morou. Desta forma a identidade cultural de origem do imigrante é mantida. Segundo E2:



“Eu gostei muito de morar nos Estados Unidos porque eu aprendi muitas coisas. Aprendi comidas novas, maneiras novas de falar, novos costumes eu gostei muito, mas eu não deixei de fazer as coisas que eu fazia no Brasil não. Eu me sinto brasileira. Eu tenho dois filhos americanos, mas eu sempre ensinei a cultura brasileira para eles. Acho que eles devem aprender. Este foi até uns dos motivos te ter voltado para o Brasil” (E2) (sic).

Observa-se, a partir dos relatos acima mencionados, que quando os indivíduos membros de qualquer cultura entram em contato com uma cultura diferente, experimentam várias mudanças psicológicas, no entanto, essas mudanças dão base ao termo denominado por Graves (1967) de aculturação psicológica para se referir ao nível individual do processo. Portanto, buscou-se identificar o nível de satisfação nesse contato.

#### 4.3 SEGUNDA FASE: O RETORNO PARA O BRASIL

Depois de muito tempo vivendo longe de sua família, e cansado de viver na ilegalidade o imigrante passa a pensar na possibilidade de retornar ao seu país de origem.

A seguir são apresentados alguns dos motivos que levaram os entrevistados desta pesquisa a retornarem ao Brasil.

Quadro7: Motivos que fizeram voltar ao Brasil.

<b>Categoria</b>	<b>Frequência</b>
Família	8
A Ilegalidade	6
O tempo	2
Estudar	2
Cansaço	1

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela pesquisadora em Junho de 2017.

Como mostra o quadro 8, dos 10 entrevistados, 8 relataram terem voltado para o seu país de origem (Brasil) por saudade da família, porém além do motivo familiar, 6 ressaltaram a questão de estarem vivendo na ilegalidade, vivendo como imigrante ilegal, ou seja, o imigrante sem documentação enfrentava dificuldade para permanecer no emprego, desencadeando com isso um cansaço físico e mental no imigrante, tornando-se assim um importante fator para o retorno á sua terra natal.

O entrevistado E6 relata que a saudade da família foi o motivo de ter voltado ao Brasil como se pode ver no relato a baixo:

“Já estava saturado. Porque pelo fato também de nós não termos ido pra lá para estar morando lá né, então bateu a saudade da família”(E6)(Sic).

No entanto, o entrevistado E7 relata que o motivo de seu retorno ao Brasil foi a questão de estar vivendo na ilegalidade, como se pode observar no relato a seguir:

“Depois de vários anos morando nos Estados Unidos ilegalmente. No período em que morei lá, eu me casei, tive uma filha. Fiz faculdade, mas continuamos na ilegalidade. Em uma prisão a céu aberto. Onde a gente não podia sair do país. Não podia ver nossos familiares” (E7) (Sic).

O entrevistado E3 relata que o motivo do retorno ao Brasil está relacionado ao tempo, acreditando que já estava na hora de retornar de onde saiu, como mostra no relato a baixo:

“Eu acreditava que estava no tempo certo de voltar né. Eu tinha que rever meus pais, salvo que eu morei 10 pra 11 anos nos USA. Eu foi para morar 3 meses né, então estava dentro do período de eu voltar” (E3) (Sic).

Já o entrevistado E5 revela que o motivo de seu retorno ao Brasil está relacionado á questão de estudar missiologia, um curso preparatório para fazer missões.

“Na época a gente queria fazer missões, então nós voltamos para estudar missões. Nossa intensão era só fazer o curso preparatório e depois ir para fora” (E5) (Sic).

Por fim, outro motivo que fez o imigrante retornar ao seu país de origem foi o cansaço de viver em um ambiente cultural diferente, onde o entrevistado já se encontrava saturado de tudo e de todos, como fica claro no relato a baixo:

“Eu já estava se saco cheio do emprego, das pessoas e de tudo. Eu já estava morando há 11 anos e não aqueitava mais aquela vida de imigrante.” (E10)(Sic).

O retorno para o país de origem é para o imigrante que retorna, no primeiro momento, um sentimento de alívio, de descanso, pois pensa que está voltando para casa, para a sua família, para a sua cidade onde ele pensa que está tudo como ele deixou. Porém, de acordo com Dantas (2010), o imigrante que retorna para o seu país de origem precisa se reestruturar diante do processo da crise de identidade, pois volta pensando que ainda é o mesmo, assim como tudo que deixou, tais como, seus amigos, familiares, cidade, entre outros. Mas ao retornar, constata que as referências já são outras, passa a perceber o quanto ele mesmo mudou e o quanto quem tinha ficado aqui já não é mais o mesmo.

#### **4.3.1 Experiência de voltar a viver na sua cultura de origem (Brasil).**

Conforme Carignato (2004), as condições do retorno parecem ser semelhantes tanto para os que retornam do Japão quanto para todos os imigrantes que passam pela experiência da vivência em outra cultura. O imigrante, “ex-dekassegui”, por exemplo, quando voltava ao seu país, ficava desorientado quanto ao destino a dar a sua vida. De fato, encontravam dificuldades para se localizarem e se movimentarem na própria cidade onde viveram e para onde retornaram. Esta mesma experiência foi vivenciada pelos entrevistados desta pesquisa.

Foi usado como base o quadro1 - demonstrativo dos possíveis fenômenos decorrentes da síndrome do regresso, presente no corpo teórico desta pesquisa, para observar e analisar alguns dos sintomas referentes aos mesmos fenômenos ocorridos com os ex-dekassegui e com os entrevistados desta pesquisa, como se vê a seguir:

Quadro8: O choque cultural no retorno para a cultura de origem.

<b>Categoria</b>	<b>Frequência</b>
A insegurança	9
A falta de respeito	9
A falta de palavra	9
A bagunça	9
A sujeira	9
As músicas	9
Os preços	9
A burocracia	9

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela pesquisadora em Junho de 2017.

O quadro 8, mostra o choque cultural vivenciado por 9 dos 10 entrevistados, os quais relataram dificuldades de readaptação no retorno à sua cultura de origem.

No relato abaixo encontra-se a percepção do choque cultural do entrevistado E2 com relação a bagunça a sujeira entre outro.

“Eu estranhei a desorganização, a bagunça, a sujeira. A cultura da mulher nua, das músicas. Eu estranhei bastante coisa. Eu estranhei a falta de palavra das pessoas. A falta de ética no trabalho. Os preços né, tudo muito caro. Então eu estranhei muito”(E2)(sic).

O entrevistado E8 falou choque cultural com relação ao interesse das pessoas, como se pode observar no relato a baixo:

“Aqui eu estranhei muito o interesse das pessoas de saber o que você fez lá, o por que você veio? Por que você não casou? Aqui as pessoas especulam de mais a sua vida, e lá não tem dessas coisas” (E8)(Sic).

Já o entrevistado E4 fala sobre o seu choque cultural logo na chegada no aeroporto, como se pode observar a seguir:

“Quando eu cheguei no aeroporto e vi aquela favelada ao redor do aeroporto eu disse: Meu Deus do céu, onde eu vim me enfiar?! Por que eu vim embora?! Ai tu desce no aeroporto e já começa aquela correria, as pessoas bem grossas, os maus atendimentos, você começa a ver a ignorância das pessoas” (E4) (sic.)

No relato a seguir o entrevistado E6 fala sobre o choque cultural com relação a educação das pessoas:

“O choque foi nesse sentido, principalmente da educação das pessoas, a falta de respeito no trânsito e em todos os sentidos. As músicas que as pessoas escutam aqui, é muito horrível. É tudo muito diferente”(E6) (sic).

Outro choque cultural enfrentado pelos imigrantes que retornaram para o seu país de origem, neste caso o Brasil foi à questão da burocracia, como mostra o entrevistado E7:

“Eu senti uma dificuldade muito grande por causa da burocracia no Brasil. Tudo aqui é muito burocrático. Tudo muito difícil. Tudo muito custoso. Abrir uma empresa é complicado” (E7) (Sic).

É no momento do retorno, segundo Nakagawa (2002), que os imigrantes se deparam com os maiores desafios, pois em virtude de terem permanecido um longo tempo em outro contexto cultural, enfrentam grandes obstáculos para se fixarem na sua terra natal, tais como: perda do convívio familiar, provocado pela desintegração da família, assim como o desemprego, o choque cultural, os conflitos de identidade, o estado precário de saúde (física e mental) etc. Nakagawa (2002) denomina o conjunto desses sintomas como a síndrome do regresso.

O quadro 9 mostra as dificuldades de readaptação enfrentadas pelos entrevistados nesta pesquisa. As dificuldades de readaptação foram categorizadas como: amigos, empregos e família.

Quadro9: Dificuldade de readaptação

<b>Categoria</b>	<b>Frequência</b>
Amigos	10
Emprego	8
Família	8

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela pesquisadora em Junho de 2017.

De acordo com as dificuldades de readaptação no retorno ao seu país de origem 10 dos entrevistados mostraram muita dificuldade na relação com os amigos, pois com o passar do tempo no exterior foram perdendo os contatos, como pode se perceber no relato do entrevistado abaixo:

“Com o meu retorno para o Brasil eu acabei deixando as pessoas com quem eu tinha amizades lá, com quem eu tinha uma convivência. Eu teria que começar tudo de novo aqui. Não que eu não tivesse amigos aqui, mas por conta de ter estado fora por muito tempo eu acabei perdendo um pouco das amizades que eu tinha aqui, foi perdendo o contato e eu acabei me isolando. Acabei ficando no meu canto” (E8) (Sic).

Com relação a categoria “emprego” 8 dos 10 entrevistados relataram terem dificuldade para entrarem no mercado de trabalho.

“Eu tive muita dificuldade para conseguir emprego. Primeiro porque eles pediram experiência. Segundo porque eles pediam um curso superior ou alguma coisa voltada na área que tu queres trabalhar. Terceiro porque eu tinha filhos e não era qualquer horário que eu podia pegar para trabalhar” (E5) (Sic).

Assim como 8 dos entrevistados relataram terem enfrentado dificuldade com a interação familiar,

“[...] para a família nós somos novidade quando nós voltamos, então a família toda quer te ver, a família toda que fazer festa, mas depois de um tempo isto já não acontece mais, eles se aproximam para ver o que você tem, o que você comprou, o que você trouxe, mas não querem saber o que você aprendeu, o que você viveu, o que você sofreu!!!” (E2) (Sic).

Diante dos relatos acima é possível identificar a existência dos mesmos sentimentos descritos por Carignato (2004) quando os profissionais atendiam os imigrantes retornados, onde se deparavam com um profundo sentimento de desvalia, com sentimentos de revolta, com a agressividade, a depressão e a angústia por parte do imigrante.

### 4.3.3 Mudança de identidade

Diante dos estudos de Phinney (2004), compreende-se que a identidade do imigrante, está sempre em um processo de mudanças, e estas mudanças ocorrem devido o contexto cultural o qual este imigrante se encontra. Ainda segundo este autor, essas mudanças são refletidas no âmbito pessoal e social, interferindo na construção do seu eu, ou seja, do seu self, porém, essas mudanças podem constituir uma identidade mais segura dando ao imigrante mais estabilidade para lidar com os desafios das mudanças. O que se pode ver no quadro 13:

Quadro10: Mudança de identidade

<b>Velha cultura</b>	<b>Nova cultura</b>
Mente fechada	Abre a mente

Dependente	Se tornar independente
Jeito de falar	Jeito de falar
Desonesto	Ser honesto
Sem leis	Cumprir as leis
Não respeitava as pessoas	Respeitar as pessoas

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela pesquisadora em Junho de 2017.

Diante do tempo vivenciado em um contexto cultural diferente do que o imigrante foi constituído, o mesmo percebe que este meio modificou a sua percepção de si, ou seja, entre os entrevistados todos mencionaram que observaram alguma mudança na sua forma de ser e agir. No quadro 11, mostra alguns aspectos que houve modificações.

Desta forma, fica claro que o contato contínuo com outra cultura supõe um conflito, crise e uma posterior ‘adaptação’ ao novo ambiente cultural. Sendo assim, verifica-se a existência da possibilidade dessa crise ser insuperável, devido a uma série de fatores situacionais e internos, assim como a possibilidade da mudança poder significar ampliação do *self*, ou seja, transformação (ERIKSON, 1964). Como vemos na fala do entrevistado E9:

“Eu nunca vou voltar a ser quem eu era antes. Eu não consigo pensar como eu era antes. A gente começa a ver a vida de outra forma. A gente quebra muito preconceito. A cabeça se abre. Tudo que você aprendeu com os seus pais e com a religião com relação a preconceito, cai tudo, se perde tudo. Você vive em outra cultura, você forma outra visão da vida, do mundo. E quando a gente vive aqui, a gente vive em mundinho mundo pequeno. Então quando a gente sai é que a gente vê quem era a gente. Porque a gente acha que é só nós aqui né. A gente vive aqui, só naquela rodinha e esquece do resto do mundo” (E9)(Sic).

Dos 10 entrevistados 9 relatam que depois de alguns dias experimentando o choque cultural após o retorno á sua terra natal, passaram a se auto analisar e ampliaram a percepção de si mesmo.

“Quanto tu tens a experiência de morar em um país de primeiro mundo tu evolui muito. Você evolui muito mesmo. E quando você volta, você percebe que regrediu. E a gente regride muito. A cultura que eu trouxe pra mim, eu não quero mais tirar de mim, eu não quero. Mesmo que eu não saia mais do Brasil. Porque eu aprendi a tratar melhor as pessoas”(E9)(Sic).

Alguns dos entrevistados relataram se sentirem anestesiados logo na chegada:

“Assim que eu cheguei, eu olhava tudo em volta e sentir bem anestesiado e me perguntava: O quê eu estou fazendo aqui? Olhava e via tudo diferente, via uma poluição visual e sonora, muito barulho, muito carro com som alto. Até mesmo as pessoas, você via no rosto das pessoas muito castigadas, a pele muito castiga. As ruas, o muro sem reboco, sem

pinturas. As calçadas de terra. Muito lixo nas ruas, jogados no mato. Então, essa poluição visual e sonora me fazia eu me sentir desse jeito, anestesiado e penso no que eu vim fazer aqui? O que foi que eu fiz? O que eu estou fazendo aqui? Que lugar é esse? Eu me sentir bem um peixe fora d'água. Eu dizia: eu não sou daqui. O que eu estou fazendo aqui? O que eu fiz da minha vida” (E7) (Sic).

Outros relataram o sentimento de estarem sonhando, não acreditando no que estavam vivenciando, como é o caso do E8:

“No começo eu me senti um pouco apático e anestesiada. Parecia que eu estava sonhando. Parecia que aquilo não estava acontecendo. Tudo foi um pouco diferente pra mim. No começo quando eu cheguei, eu me senti um peixe fora d'água porque eu tinha a minha vida lá né, eu estava construindo a minha vida lá. Então eu tive que voltar e começar praticamente do zero aqui. Eu sempre morei no interior, mas quando eu fui para o Estados Unidos eu morei em Nova York, em uma cidade grande e quando eu voltei para a minha cidade, tudo parecia estranho pra mim. Tudo parecia pequeno. Tudo parecia ter diminuído de tamanho”(E8) (Sic).

O entrevistado (E9) relatou que passou a ter medo de sair de casa:

“Quando eu voltei, eu senti muito medo de sair de casa. Até hoje eu tenho muito medo de sair a noite de casa. Eu tenho pânico. Teve um dia que eu fui para laguna com minhas amigas e tínhamos que ir em certo local e eu fiz elas darem a volta por um outro lugar porque eu simplesmente estava com medo de passar por aquele local que elas queriam passar”(E9)(Sic).

Diante dos relatos dos entrevistados mencionados acima e com base no quadro1 - demonstrativo dos possíveis fenômenos decorrentes da síndrome do regresso, fica claro e existência da mudança de comportamento reconhecida após o imigrante retornar ao seu país de origem. O imigrante ao retornar á sua terra natal se depara com outra visão de si e de mundo. De acordo com Phinney (2004), fica evidente que quando o imigrante retorna, ele se depara com a “crise de identidade” do qual precisa enfrentar, e é nesse momento que esse sujeito precisa de ajuda de um profissional para auxiliá-la a passar por esse processo de mudança. Dos 10 entrevistados, nenhum deles havia procurado algum tipo de acompanhamento terapêutico até o momento da entrevista.

#### 4.4 TERCEIRA FASE: O RETORNO AO EXTERIOR

Carignato (2004) afirma que depois de todas as tentativas de readaptação ter sido fracassada, há então, um aumento da angústia, e é neste momento em que o imigrante retornado, “ex-dekassegui” parte para a ação, vendo como única possibilidade de se reestabelecer financeira e psicologicamente a volta para o contexto cultural em que vivia, pois lá, na percepção de imigrante retornado, nada ficará fora do lugar, reconhecendo como sua verdadeira casa. Isto se tornou evidente na vida de 9 dos 10 entrevistados nesta pesquisa, como é possível conferir no quadro 14 e nos relatos a seguir.

Quadro 11: Desejo de voltar a viver no exterior

<b>Categoria</b>	<b>Frequência</b>
Sim	9
Não	1

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela pesquisadora em Junho de 2017.

Como se pode notar no quadro de número 11, somente 1 dos 10 entrevistados não tem vontade de retornar ao exterior.

“Não. Só para passear” (E1) (Sic).

Porém, 9 dos 10 entrevistados revelam o desejo de retornar a viver no exterior como se pode ver nos relatos abaixo:

“[...] sim penso e já estou voltando.” (E2) (Sic).

“[...] eu não pensão não, eu vou voltar. Chega de Brasil.” (E3) (Sic).

“[...] eu estou aqui ainda por causa dos pais da minha esposa.” (E4) (Sic).

“[...] vontade eu tenho, mas não sei se vou voltar. Mas tenho muita vontade sim.”

(E5) (Sic).

“[...] sim. Mas dentro de uma legalidade que me não me permita voltar para um subemprego e não ter a questão da ilegalidade né.” (E6) (Sic).

“[...] eu quero sim morar em outro país. Não quero continuar morando no Brasil.”

(E7) (Sic).

“[...] com certeza. Com certeza. Na verdade eu amei a experiência que eu tive vivendo esse período lá. Foi uma experiência incrível. Se eu pudesse voltar a trás no tempo e ter vivido tudo de novo eu teria vivido.” (E8) (Sic).

“[...] estou pensando. Na verdade eu penso todos os dias. Antes de voltar para o Brasil eu já pensava em voltar. Eu já estou me preparando para volta, agora não mais para a França, mas para Londres.” (E9) (Sic).

“[...] sim, mas não para viver do jeito em que vivíamos. Mas dentro de uma legalidade.” (E10) (Sic).



O caminho percorrido pelos entrevistados nesta pesquisa revela que o contato com outra cultura causa mudanças na estrutura psíquica, possibilitando o desencadeamento de transtornos psicológicos, fazendo com que não se reconheça como pertencente do lugar que anteriormente era seu. Diante disto, o ex-imigrante se percebe desorientado, e a única saída é voltar ao exterior onde reconhece como sendo o seu verdadeiro lugar.

No entanto, com base nos estudos de Nakagawa (2002) nota-se através da observação e análise acerca da ocorrência dos transtornos psíquicos nos imigrantes que retornaram para o seu país de origem, a existência dos sinais da síndrome do regresso nos entrevistados, pois ficaram evidentes frente a todos os fenômenos que se assemelham ao quadro 1 onde mostra o demonstrativo dos possíveis fenômenos decorrentes da síndrome do regresso.

Diante dos fatos apresentados nesta pesquisa, foi possível ampliar a compreensão do processo de mudanças do indivíduo que retorna para sua terra de origem, pois conforme DeBiaggi (2004), após o contato com outra cultura, pois como foi mencionado anteriormente a estrutura psíquica do indivíduo é afetada quando recebe informações que estão fora do seu contexto natural, ou seja, as condições culturais das quais diferem da sua cultura original, sejam elas de caráter interpessoais ou sociais. Desta forma, entende-se que a psicologia intercultural propõe uma reflexão mais compreensível dos fenômenos psicossociais, assim como o desenvolvimento humano e suas mudanças decorrentes da relação dialética entre o sujeito pesquisado e o seu contexto cultural.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Essa pesquisa teve como objetivo identificar a ocorrência da Síndrome do Regresso em imigrantes brasileiros do Sul do Brasil que retornam para seu país de origem.

Diante dos resultados trazidos no decorrer da discussão desse artigo é possível afirmar que o objetivo geral dessa pesquisa foi atendido e que os objetivos específicos foram suficientes para dar conta de responder ao problema desta pesquisa.

Os entrevistados permaneceram no exterior entre 6 á 11 anos. Dos 10 entrevistados apenas 1 não assimilou a cultura do país anfitrião e com isso não encontrou problemas para se readaptar na sua terra natal. No entanto, 9 dos 10 entrevistados relataram muita dificuldade no retorno a sua cultura de origem, reconhecendo que o tempo em que viveram em um contexto cultural diferente, causou muitas mudanças na sua estrutura

psíquica, tendo que enfrentar grandes obstáculos para se fixarem no Brasil, tais como: perda do convívio familiar, o desemprego, o choque cultural, os conflitos de identidade, o estado precário de saúde física e mental, etc.

Diante dos fatos apresentados pelos entrevistados, foi possível identificar mudanças sócio-culturais no comportamento de imigrantes brasileiros que retornaram para o seu país de origem, tendo como base teórica as quatro estratégias de aculturação pelas quais o imigrante pode passar, sendo elas: marginalização, separação, integração e assimilação. Onde Berry (1997) explica o porquê pode ocorrer, ou não, uma alteração na estrutura psíquica do indivíduo que entra em contato com outra cultura, afirmando que existe uma influência entre o grupo e a aculturação psicológica do indivíduo. E para que isso ocorra é preciso considerar, primeiro, que o indivíduo está em constante interação com o contexto cultural em que vive, e que por outro lado, as pessoas não interagem, e não são influenciadas ou mudam da mesma forma, ocorrendo diferenças individuais na aculturação psicológica, mesmo entre indivíduos que estão inseridos no mesmo movimento de aculturação.

Durante a análise dos dados foi possível verificar a existência de sintomas psicopatológicos da Síndrome do Regresso nos entrevistados desta pesquisa, como o fenômeno “Dispersão do Pensamento” onde alguns entrevistados relatam momentos em que se sentiram confusos, atrapalhados e com o pensamento desordenado. Assim como o “Distanciamento Afetivo” quando revelam dificuldades de se relacionar com as pessoas (amigos e familiares) optando pelo afastamento do convívio social, preferindo viver no isolamento o qual proporcionou muita angústia e tristeza. Como também ficou evidente o fenômeno “Sensibilidade a Diferenças”, pois dos que encontraram dificuldade para se estabelecerem, ficavam sempre comparando o país anfitrião com o seu país de origem lhe causando um sentimento de revolta e desgaste emocional. Os entrevistados relataram que reclamavam e ainda reclamam de tudo, desde a educação, saúde, poluição sonora e visual. Por fim, o fenômeno “Reiniciar Viagem”, pois 9 dos 10 entrevistados desejam retornar a viver no exterior.

Partindo da realidade do retorno dos decasséguis, conforme Carignato (2004), as condições do retorno tornam-se semelhantes para todos os imigrantes que passam pela experiência da vivência em outra cultura. O imigrante, “ex-dekassegui”, por exemplo, quando volta ao seu país, ficava desorientado quanto ao destino a dar a sua vida. De fato, encontraram dificuldades para se localizarem e se movimentarem na própria cidade onde viveram e para onde retornaram. Esses mesmos fatos foram observados nos discursos relatados por 9 dos

imigrantes brasileiros do Sul do Brasil que retornam para seu país de origem, entrevistados nesta pesquisa.

Diante desse fenômeno imigratório, e dos resultados aqui apresentados, fica claro a necessidade de novas pesquisas para a observação e investigação dos possíveis transtornos psicológicos e sociais nas pessoas das quais implicaram suas vidas no movimento de ir e vir, de uma cultura para outra, com a finalidade de criar projetos sociais que possam acolher e orientar aqueles que retornam para sua terra de origem.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: 70 ed., 2011.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Portal Consular**. 2016a. Disponível em: <<http://www.portalconsular.itamaraty.gov.br/>>. Acesso em: 3 jul., 2016.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores Divisão de Assistência Consular. **Guia de retorno ao Brasil: Informações úteis sobre programas e serviços de acolhimento 2010**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2010/09/itamaraty-lanca-guia-de-acolhimento-para-brasileiros-que-voltam-do-exterior>>. Acesso em: 3 jul. 2016.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Portal do Retorno**. 2016b. Disponível em: <<http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/>>. Acesso em 3. jul. 2016.

BERRY, J. W. Emicas and etics: A symbiotic conception. **Culture and Psychology**. Queen's University, Canadá, v.5, n.2, 1997. Disponível em: <<http://cap.sagepub.com/content/5/2/165.abstract>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

CARIGNATO, T. T. O lugar do sujeito nas migrações contemporâneas: A experiência Dekassegui. In: **Psicologia E/Imigração e Cultura (org)**, São Paulo, p. 227-247, 2004.

COUTINHO, M. P. L.; RODRIGUES, I. F.; RAMOS, N. Transtornos Mentais Comuns no Contexto Migratório Internacional. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 43, n. 3, jul./set. 2012. Disponível em: <[file:///C:/Users/user/Downloads/Dialnet-TranstornosMentaisComunsNoContextoMigratorioIntern-5631416%20\(3\)](file:///C:/Users/user/Downloads/Dialnet-TranstornosMentaisComunsNoContextoMigratorioIntern-5631416%20(3))>. Acesso: 3 jul. 2016.

DANTAS, S. D.; UENO, I.; LEIFERT, G.; SUGUIURA, M. identidade, migração e suas dimensões psicossociais. **Rev. Inter. Mob. Hum.**, Brasília, Ano XVIII, Nº 34, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/4070/407042011004>>. Acesso em: 3 set. 2016.

DEBIAGGI, S. D.; PAIVA, G. J. (org.). **Psicologia, E/Imigração e Cultura**. São Paulo: Editora Casa do psicólogo, 2004.

ERIKSON, E. **Insight and responsibility**. New York: Norton, 1964.

ERIKSON, E. **Identity: Youth and crisis**. New York: Norton, 1968.

FERNANDES, D.; RIBEIRO, J. C. Migração laboral no Brasil: problemáticas e perspectivas. **Texto produzido a partir de apresentação feita no Seminário do Observatório das Migrações**. Brasília, 14 de maio de 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/user/Downloads/12955-41961-1-PB>>. Acesso em 5 set. 2016.

GRAVES, T. D. Psychological acculturation in a tri-ethnic community. **South-western Journal of Anthropology**, v. 23, 1967. Disponível em: <[http://www.jstor.org/stable/3629450?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/3629450?seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 23 ag. 2016.

NAKAGAWA, D. I. Migração w saúde mental. In: CARIGNATO, T. T.; ROSA, M. D; FILHO, R. A. P. (Orgs.). **Psicanálise, Cultura e Migração**. São Paulo: YM Editora e Gráfica, p. 221, 2002.

NAKAGAWA, D. I. Saúde e o movimento dos trabalhadores brasileiros no Japão. In: SATO, M. T.. **Reflexões sobre Cultura Japonesa à Luz do século XXI. Tradição e Modernidade**, Curitiba: APAEX, p. 109-110, 2013.

PHINNEY, J. Formação da identidade de grupo e mudanças entre migrantes e seus filhos; In: DEBIAGGI – **Psicologia E/Imigração e Cultura**. Curitiba: Casa do Psicólogo, 2004, p. 48-59.

SASAKI, R. K. Os problemas que envolvem os trabalhadores brasileiros no Japão. In: **Psicanálise, Cultura e Migração**. São Paulo: YM Editora, p. 239, 2002.

SILVA, R. V.; FERNANDES, D. M. Os Brasileiros que Retornam de Portugal: **atividades Laborais Antes, Durante e Depois da Emigração**. Brazilians Returning from Portugal: Jobs Before, During and After the Migration - Espaço Aberto, PPGG - UFRJ, V.5, N.2, 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/viewFile/3304/2573>>. Acesso em 5 set. 2016..

UNITED NATIONS. International Migration Report. New York: **Department of Economic and Social Affairs, Population Division**, 2013. Relatório. Disponível em: <<http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/migreport.shtml>>. Acesso em: 22 set. 2016.

VERGARA, S. C., **Métodos de pesquisa em administração**. 6. ed. Ed. Atlas, 2015.